

Compreendendo o bairro: experiência urbana no Bosque, Campinas (SP)

Fernanda Cristina de Paula

Mestranda em Geografia, Instituto de Geociências/Unicamp
e-mail: fernanda.paula@ige.unicamp.br

Resumo

A contribuição deste trabalho está na realização de estudo do bairro sob abordagem humanista. A partir de uma proposta teórico-metodológica orientada por perspectiva fenomenológica, nos direcionamos para a compreensão do bairro não como mero recorte espacial da cidade, mas como fenômeno oriundo da própria dinâmica urbana. Movimentamos esta abordagem no estudo do bairro Bosque de Campinas (Estado de São Paulo). O trabalho foca os processos e/ou fatores geográficos se realizam na experiência urbana dos indivíduos e conformam o Bosque enquanto bairro. Dentro deste contexto, discutimos, sobretudo, seus territórios vividos, questões sobre mobilidade-permanência e visibilidade-visitabilidade do Bosque. E, a partir destas discussões, traçamos o paralelo de como estes fatores pesam nas problemáticas associadas ao Bosque, depondo sobre o sentido do bairro no modo de vida urbano.

Palavras-chave: território vivido; sítio e situação geográfica; identidade territorial.

Introdução

O bairro participa ativamente da vida do cidadão; ganha sua relevância tanto enquanto contexto espacial onde está a residência do indivíduo (matriciando a experiência urbana deste) tanto quanto ao se configurar como unidade de conhecimento espacial da urbe (pois, cada bairro é referência de uma localização, de uma dada configuração espacial). Bairro é um fenômeno da vida urbana. Enquanto parte da estrutura interna da cidade, ele já foi abordado por diferentes perspectivas teórico-metodológicas dentro da Geografia (DE PAULA, 2007). Nosso intento, dentro deste quadro, se direcionou para a compreensão do bairro a partir da experiência urbana dos indivíduos; através de um estudo fenomenológico-geográfico deste elemento da cidade, buscamos resgatar o devir geográfico diário que funda o que se entende por bairro.

A partir de uma série de estudos¹, temos trabalhado com uma proposta de compreensão do bairro na dimensão experiencial, enquanto um fenômeno vivido cotidianamente (DE PAULA, 2008). A proposta está sintetizada no quadro a seguir, o qual apresenta os **elementos teórico-metodológicos** (eixos de compreensão do sentido e papel do bairro para os cidadãos) e os **fatores e processos geográficos** (que, ao mesmo tempo, ocorrem na experiência urbana e depõe sobre estes elementos), conformando o bairro.

¹ Ver: Marandola Jr., De Paula e Fernandez, 2007; De Paula e Marandola Jr., 2007; De Paula, Marandola Jr. e Hogan, 2007.

Quadro 1. Esquema de abordagem do bairro enquanto fenômeno vivido

| Problemática | Elemento teórico-metodológico | Fatores e/ou processos geográficos |
|-------------------------------|-------------------------------|--|
| Relação bairro-morador | Territórios vividos | <ul style="list-style-type: none">• Balé-do-lugar• Identidade territorial |
| Relação bairro-cidade | Sítio e situação geográfica | <ul style="list-style-type: none">• Mobilidade e permanência• Visibilidade e visitabilidade |

Fonte: De Paula, 2008.

Os fatores que conformam o bairro e as noções teórico-metodológicas correspondentes foram trabalhados na compreensão do bairro Bosque, de Campinas-SP. São os resultados desta pesquisa empírica que apresentamos aqui. O sentido do fenômeno bairro junto ao morador é construído na medida em que é neste que se estabelece uma territorialidade necessária ao indivíduo urbano. É um território vivido, que se concretiza na medida em que o espaço do bairro é base das ações urbanas, congregando os elementos para a manutenção diária da vida. O que funda esta territorialidade urbana em um nível coletivo é o estabelecimento de um balé-do-lugar (rotina espaço-temporal); e deste ponto advém possibilidade de uma vida comunitária, de uma coesão socioespacial e a possibilidade de uma identidade territorial (DE PAULA, 2008). Na primeira seção deste trabalho, sobre a relação bairro-morador, focamos sobretudo as características dos balés-dos-lugares que fundam os territórios vividos do Bosque para, em seguida, discutir como estas territorialidades influenciam as concepções que os moradores têm do bairro e suas ações em relação a este espaço.

No que diz respeito à problemática da relação bairro-cidade na experiência do indivíduo, tem se como elemento teórico-metodológico a particularidade do bairro. Sítio e situação geográfica denotam a particularidade de cada bairro, são os elementos teórico-metodológicos que possibilitam a abordagem da singularidade do espaço do bairro (território) e como este pode orientar a vida do cidadão. Mobilidade e permanência são fatores da experiência urbana dos indivíduos e ambas são orientadas pelo sítio e situação do bairro. No que tange a relação bairro-cidade para o restante dos moradores da cidade, temos que o sítio pode conter componentes que façam o bairro visível e visitável e conseqüentemente identificável dentro da cidade. Ao implicar no modo como ele está integrado à cidade, situação também contribui para que este seja mais ou menos visível e visitável (DE PAULA, 2008). Na segunda seção deste trabalho, discorreremos sobre visitabilidade e visibilidade e as qualidades de mobilidade e permanência dos moradores do Bosque. Deste modo, nos aproximando de como a ideografia do bairro orienta a inserção do bairro (enquanto unidade espacial) e de seus moradores na cidade de Campinas.

1. Bairro-morador: territórios vividos do Bosque

A categoria que permite a compreensão do bairro enquanto uma coesão socioespacial com limites mais ou menos definidos, que permite compreender as ações dos indivíduos em

relação a esta porção do espaço é a categoria território, no caso, território-vivido. Através de trabalhos de campo, foi observado que os indivíduos constituem e expressam a relação com o bairro em função destes territórios; os quais estão fundados em balés-dos-lugares (DE PAULA, 2007).

Balé-do-lugar é um conceito cunhado pelo geógrafo David Seamon (1983). O autor, ao investigar (através da Fenomenologia) os movimentos diários corporais dos indivíduos (*body-ballet*), coloca que determinados movimentos se realizam em um tempo e espaço definidos rotineiramente. Estes movimentos diários das pessoas sobre o espaço conformam um balé-do-lugar:

In a supportive physical environment, time-space routines and body-ballets of the individual may fuse into a larger whole, creating a space-environment dynamic called *place-ballet*. The *place-ballet* is a fusion of many time-space routines and body-ballets in terms of place. [...] Its result strong sense of place because of its continual and regular human activity. (SEAMON, 1983, p. 159)

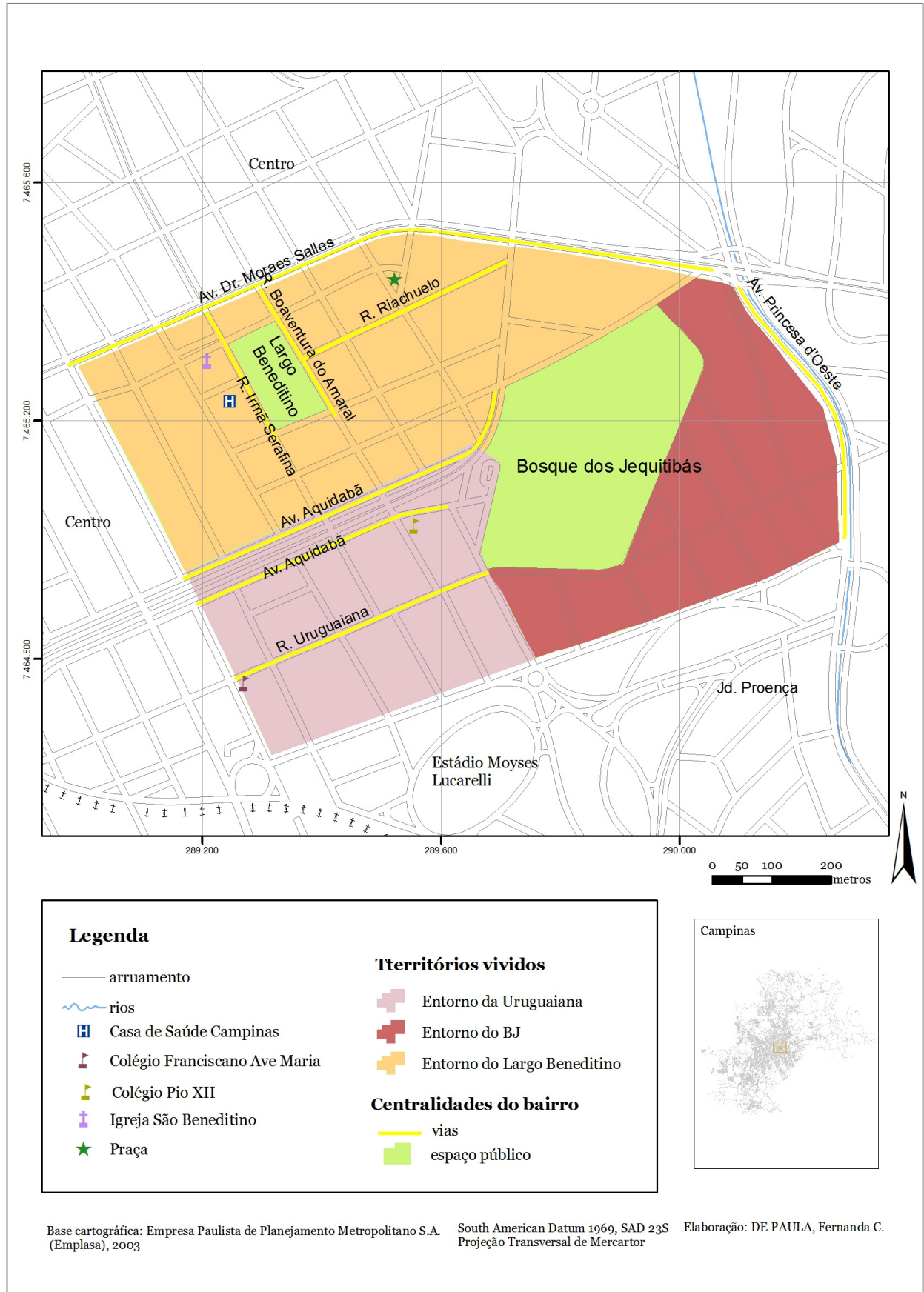
Balé-do-lugar é o dinamismo (movimento, fluxo de pessoas por certa porção de espaço) do lugar. Balés-do-lugar específicos se realizam em cada território vivido. Na medida em que o espaço onde está localizada a casa (os elementos que fazem parte da configuração espacial do entorno da residência) condiciona os movimentos dos indivíduos sobre o espaço conforma um determinado balé-do-lugar.

Através do reconhecimento dos balés-dos-lugares é que foi possível identificar os territórios-vividos do bairro Bosque. A cada balé-do-lugar corresponde uma morfologia e uma dinâmica espaço-temporal que esteiam, nos moradores, concepções sobre o espaço em que vivem e as ações sobre ele: é esta territorialidade que funda o devir urbano dos indivíduos. A seguir discutiremos sobre os territórios vividos do Bosque; detalhando os balés-dos-lugares e seu papel na compreensão da organização interna do bairro.

O reconhecimento dos balés-dos-lugares se realizou, experiencialmente, por duas formas: primeiro, em trabalho de campo, observando a integração ou fragmentação dos espaços, dada pelos fluxos. Por exemplo, não há um fluxo de moradores entre aqueles que residem nas proximidades da Rua Uruguaiana e a outra parte do bairro, ao norte da Av. Aquidabã. A segunda forma pela qual os territórios-vividos (associados à suas dinâmicas espaços-temporais) foram reconhecidos foi através da fala/concepção dos moradores; estes, quando perguntados sobre os limites do bairro (e não têm certeza sobre os limites oficiais) apontam como seu bairro o espaço pelo qual o balé-do-lugar ao qual pertence se estende.

Foi na observação destes balés-dos-lugares que identificamos os territórios vividos do Bosque, denominados aqui de acordo com o fator de centralidade: Entorno da Uruguaiana, Entorno do BJ e Entorno do Largo Beneditino (Figura 1). Seguimos com uma breve descrição do balé-do-lugar destes territórios que estão sob a toponímia do bairro Bosque e que orientam o devir deste bairro.

Figura 1: Territórios vividos do Bosque



No que tange o **Entorno da Uruguaiana** foi a afirmação de uma moradora de que havia uma rua em que “o pessoalzinho andava mais” que nos atentou para a existência de um ritmo espaço-temporal próprio daquela área.

A territorialidade dos indivíduos desta área se concentra na Rua Uruguaiana e nas suas proximidades. A centralidade desta rua é dada pelo oferecimento de serviços que está ligada tanto ao fato da rua servir de passagem quanto pela verticalização desta área, promovendo o desenvolvimento deste centro de recursos. Esta territorialidade (em função do centro de recursos) se forma em função dos elementos espaciais que qualificam o espaço que serve de base à vida cotidiana; no caso, há destaque para: os colégios (ambos particulares e católicos), padarias, pequenos mercados, restaurantes presentes nesta rua e nas proximidades. Entre os moradores observa-se que não há a necessidade diária, por exemplo, de se atravessar a Av. Aquidabã para comprar algo corriqueiro, ou de ir além da Rua Proença. Enquanto um sub-centro, se torna local onde as pessoas se encontram, onde vêm e são vistas, se torna base espacial que fundam uma “comunidade” (ao ter em comum o espaço a que se recorre no dia-a-dia). Há um fluxo constante de pessoas e veículos nessa rua, em contraponto ao pouco movimento da Rua Proença ou ao trânsito mais denso, que transcende o bairro, da Av. Aquidabã (importante corredor viária de Campinas). Enquanto na última predomina um fluxo externo ao bairro, um fluxo de passagem, o movimento que anima a Rua Uruguaiana é realizado, sobretudo, pelos moradores que residem nas proximidades. O balé-do-lugar centrado na Rua Uruguaiana permite o encontro com o outro, o desenvolvimento de uma territorialidade coletiva.

Nesta rua é possível observar pessoas que se encontram na calçada e se põe a conversar, vizinhos que se conhecem; em outras palavras, certa intimidade que é geralmente associada à idéia de bairro. Mas esta intimidade (coesão ou dinâmica espaço-temporal própria) não se estende espacialmente por todo Bosque. Foi observando este fato, em campo, que atentamos para a existência de outros balés-dos-lugares.

O segundo balé-do-lugar é referente àqueles que moram nas proximidades do BJ. A morfologia que dá suporte ao **Entorno do BJ** é mais difusa do que anterior e este fator influencia nos movimentos de territorialização e ‘ação’ dos indivíduos sobre o território.

O balé-do-lugar desta área não se estende até o território anterior, do Entorno da Uruguaiana. Dos elementos espaciais que poderiam oferecer uma centralidade (como espaços públicos e/ou um centro de serviços) estes têm pouca força nesta área e/ou estão difusos: os moradores não costumam freqüentar assiduamente o BJ, não há um fluxo de indivíduos que permitiria reconhecer uma centralidade e, associada a ela, um fluxo patente de moradores, um balé-do-lugar específico desta área.

O que dá suporte aos moradores desta área, seria os serviços oferecidos no Jd. Proença e na Av. Princesa d’Oeste (avenida que, dado seu alto fluxo, sua importância como via de passagem e a contigüidade com bairros de classe média-alta oferece serviços mais caros). Os recursos que qualificam o ambiente externo da casa estão difusos e a presença massiva de escritórios nesta área faz com que o balé-do-lugar seja caracterizado por ruas esvaziadas e silenciosas, um balé menos visível do que o do Entorno da Uruguaiana. No que tange o Entorno do BJ, talvez, a força (ou mesmo existência) de uma identidade territorial interna e coletiva seja menor em relação aos outros territórios do bairro.

O terceiro território-vivido identificado é o **Entorno do Largo Beneditino**. Se no Entorno do BJ os recursos oferecidos estão distribuídos difusamente pelo espaço, esta questão é ainda mais aguda em relação ao Entorno do Largo Beneditino.

Para quem mora ali, o ambiente que serve de base para a manutenção diária da vida abrange o próprio Centro que oferece todo tipo de serviços. O balé-do-lugar desta área se mistura com o balé-do-lugar do Centro. O Centro congrega movimento incessante de indivíduos nos dias úteis, principalmente nos horários comerciais e a movimentação do Centro se estende até esta porção do Bosque. Como consequência desta sobreposição de balés-dos-lugares tem-se que muito campineiros ficam surpresos em saber que esta área (principalmente junto à Casa de Saúde e o Largo Beneditino) seja bairro Bosque e não Centro.

Mesmo assim, alguns elementos da configuração deste espaço e certas dinâmicas diárias associadas a eles testemunham uma dinâmica interna, ou seja, certa intimidade, vida de bairro realizada pelos moradores ou dissociadas da dinâmica dos de fora. Por exemplo, o fluxo de pessoas que vivem (principalmente) nos edifícios do entorno ao Largo: mães e babás que levam as crianças para brincar, senhores idosos que lêem jornal de manhã, os mesmos todos os dias sentados nos bancos da praça, mulheres que passeiam com seus cães. E na Rua Riachuelo, alguns serviços são oferecidos tendo como demanda os moradores dos edifícios concentrados nesta área.

O balé-do-lugar orientado pelas atividades a serem desenvolvidas pelo espaço, implica que se elementos deste espaço promovem a confluência (como o comércio, espaços públicos, serviços como escolas, hospital), implicam no encontro com o vizinho, com o outro. E este encontro, ou ainda, certa consciência de que se compartilha o mesmo espaço fundamenta identidades territoriais e a mobilização dos indivíduos em relação a este espaço. Estas territorialidades, enquanto matriz do tipo de relação que os cidadãos têm com o espaço, orienta suas concepções e modos de agir em relação ao bairro – como é possível observar no caso do surgimento de uma territorialidade noturna em contraponto à territorialidade dos moradores do bairro.

1. 1 Identidade Territorial: Casos de Territorialidade Noturna

No final da década de 1990, teve início atividade de prostituição de (na maioria) travestis na Av. Aquidabã e proximidades. A prostituição, disse um morador, trouxe drogas, violência: à noite, os moradores se recolhiam para suas casas (com medo) e o espaço era todo dos travestis. O fato é que uma **territorialidade noturna** se desenvolveu no Entorno da Uruguaiana.

Quando Cláudia, presidenta da Sociedade Amigos do Bairro Bosque (SABB), atenta para o recolhimento dos moradores às suas casas, quando um dos moradores comenta que às vinte horas não dava para andar com os filhos na rua, expressam que o espaço em que vivem, seu território, ganha novo caráter com a chegada da noite. Fica estabelecida uma sazonalidade diária, um espaço estruturado pelo tempo (PARKES e THRIFT, 1978), onde a noite os moradores sentem/vivem um constrangimento de suas atividades (de seu programa de ações) no seu território. Portanto, uma regressão (sazonal) do território dos moradores. E o problema se aprofundava na medida em que territorialidade noturna (dos travestis) e a

territorialidade diurna (dos moradores do bairro) se misturavam às primeiras horas da manhã e às primeiras horas da noite. Território de quem, então?

A identidade implica o estamento de individualização de uma coisa, pessoa, grupo ou espaço dentro de uma coletividade; deste modo, a identidade implica, também, na distinção em relação ao outro. (WOODWARD, 2000; LE BOSSÉ, 2004; BAUMAN, 2005) A identidade territorial, tem um caráter tríplice, ao mesmo tempo indica: como é o território, que tipo de indivíduo vive no território e como é viver ali. Os moradores do Entorno da Uruguaiana, além de se sentirem acudados frente à apropriação do espaço pelo que denominaram submundo, também não queriam ser reconhecidos como moradores de zona de meretrício.

O território dos travestis foi sobreposto ao território dos moradores do bairro; a prostituição passou a se materializar, a se tornar visível através do espaço que seria dos moradores. Os moradores do Entorno da Uruguaiana têm sua identidade permeada pela identidade dos travestis, ambas as identidades esteadas no mesmo espaço.

Frente à prostituição, os moradores começaram a se mobilizar. E, nestas ações², está a prática e intervenção sobre o espaço que sentem como deles, a mobilização de um discurso interno e coletivo dos moradores e, deste modo, a expressão da identidade interna deste território vivido. A própria SABB nasceu em face da questão da prostituição; quando os moradores se reuniram com os policiais para conversar sobre os travestis, Cláudia conta que estes disseram que os “moradores abandonaram seu espaço, que era preciso que os moradores ocupassem aquele espaço que era deles. E como estratégia para mostrar de quem era o espaço, os policiais sugeriram que os moradores organizassem grandes festas, que envolvesse a comunidade e trouxesse as pessoas para a rua novamente. Na esteira da organização destas festas³ veio a fundação da SABB, em 2003. Foi a noção de uso e apropriação do espaço (em outras palavras, territorialidade) tanto no discurso dos policiais quanto nos dos moradores que matriciou a ação destes contra a prostituição.

O problema já foi resolvido em 90%, dizem os integrantes da SABB e do Conselho de Segurança do bairro (CONSEG) e no entendimento que estes têm sobre a resolução do problema, expressa a identidade territorial deste território vivido e não de todo bairro. Dizem que uma ação importante foi o CONSEG ter conseguido o aumento das rondas policiais na área da Aquidabã, Uruguaiana e Boaventura do Amaral. Estas rondas constrangeram clientes e coibiram a prostituição; mulheres e travestis transferiram seus pontos para o Entorno do Largo Beneditino. Os moradores do Entorno da Uruguaiana dizem que o problema da prostituição foi resolvido, que o bairro voltou a ser uma maravilha, que as crianças voltaram a brincar na rua, à noite. A satisfação com a resolução do problema não parece ofuscada pelo fato de que ele apenas foi transferido para outra parte do bairro.

² Tais quais como as reuniões de moradores com a Polícia Civil ou protesto (apitação) para chamar a atenção da imprensa e dos políticos para a questão da prostituição, a entrega de abaixo-assinados às autoridades municipais. Ver por exemplo a notícia do Correio Popular *Bosque exige ação contra prostituição: cerca de 10 mil moradores da área estão pedindo às autoridades providências que coibam a violência* (08 nov. 2003).

³ A Festa Junina já virou tradição no Entorno da Uruguaiana, a festa ocorre na própria Uruguaiana, que é fechada no dia da festa, a qual já reuniu mais de 3 mil pessoas.

Fica claro que lhes importa o problema com o território que vivenciam diariamente – não há um sentimento de apropriação (por parte de prostitutas e travestis) de um espaço que seja deles, mesmo que seja dentro do Bosque. Questionamos, Cláudia e Moacir (presidente da CONSEG): “mas o problema não continua, já que a prostituição ainda ocorre no Bosque?”. Responderam que esta atividade apenas retornou ao seu local de origem.

Diferente do Entorno da Uruguaiana, não há mobilização de moradores frente à prostituição no Entorno do Largo Beneditino. Talvez, por ser ali área já consolidada desta atividade. Ao menos aqueles moradores que andam pelas ruas não parecem conflitar com a presença de travestis e mulheres se prostituindo. Talvez, ao estabelecer seu território, já estava incluído como elemento deste a prostituição; neste caso, menos do que uma territorialidade noturna (do meretrício) que implica uma cisão na vivência de prostitutas e moradores, seria o caso dos últimos aceitarem (e, atentamos, sem implicar que coadunem) que se trata apenas de uma diferente configuração de seu território no decorrer do tempo.

2. Sítio e situação: o Bosque dentro da cidade

O fenômeno bairro é conformado tanto internamente (no modo como se organiza em função das territorialidades que ali se desenvolvem) quanto externamente, enquanto base a partir da qual o cidadão organiza todos os seus movimentos pela cidade e, também, enquanto unidade de conhecimento espacial para o restante dos moradores da cidade. Para compreender como se conforma a relação do bairro com a cidade, dentro de uma perspectiva experiencial, atentamos para a necessidade de considerar o sítio e situação do bairro; os quais permitem a apreensão da particularidade deste elemento da urbe. Neste sentido, discorremos sobre o peso do sítio e situação do Bosque para seus moradores (ao discutir a mobilidade e permanência destes) e para o reconhecimento do bairro pelos moradores da cidade, enquanto uma unidade espacial (ao discutir visibilidade e visitabilidade do Bosque).

Sobre mobilidade e permanência. As considerações de Ledrut (1971, p. 101 - grifos nossos), discutindo o espaço social da cidade, são propositivas quanto a estas características da vida urbana:

[...] **fixação e movimento**, instalação e circulação são duas categorias essenciais à vida dos aglomerados importantes. O drama da organização e do funcionamento das coletividades urbanas se desenvolvem em torno destes dois protagonistas. Os homens ocupam uma casa sobre uma parcela de certo território para aí morar ou, algumas vezes, para produzir; porém se deslocam para encontrar confrades e amigos, para comprar e vender, etc.

Mobilidade diz respeito aos deslocamentos da pessoa pelo espaço (se deslocar, por que se deslocar, para onde ir, quantas vezes ir). Permanência, em contraponto à mobilidade, é a pausa no espaço (por que permanecer, onde permanecer, como é permanecer). Ambos (mobilidade e permanência) dizem respeito às características que são do indivíduo e que denotam a relação deste com o espaço.

Na experiência urbana, entendemos que a identificação ou reconhecimento do bairro como uma unidade espacial diferenciada no contexto da cidade passa pela questão de sua visibilidade (COSTA, 1999) do bairro. Associada à esta noção, está a de visitabilidade (COSTA, 1999), que implica na ida e pausa no espaço do bairro e, ainda, por que ir. O

bairro residencial recebe, mormente, seus moradores; o recebimento dos de fora está relacionado aos equipamentos urbanos que estão presentes no sítio do bairro e que atraem os outros cidadãos. Estes elementos do sítio contribuem para a visitabilidade e conseqüente visibilidade do bairro, promovendo a identificação (o reconhecimento da individualidade) deste dentro do conjunto da cidade.

A cada bairro corresponde um sítio e uma situação e, conseqüentemente, meios diferentes de viver e participar da cidade. O Bosque está na área central da cidade; esta localização norteia as questões relacionadas ao seu sítio e situação: o primeiro é marcado por corredores viários e equipamentos urbanos que atraem não só pessoas que moram no bairro, sua situação é de patente integração com o restante da cidade (figura 2).

No caso de seus moradores, esta proximidade (ou contigüidade) com o Centro é implica que qualquer necessidade que não possa ser suprimida no entorno direto da casa pode ser resolvida no Centro (por exemplo, a necessidade de ir a uma agência bancária).

A contigüidade com o Centro caracteriza fortemente a situação geográfica do bairro. Denota-se uma vantagem estratégica de se viver neste bairro, valorizada em função desta contigüidade. Além da possibilidade de alcançar rapidamente o Centro, a proximidade com este acrescenta outro fator: muitas ruas e avenidas do Bosque se configuram vias de passagem, pois se ligam a importantes corredores viários da cidade (como à Av. Moraes Salles, à Av. Princesa d'Oeste), além da ligação entre a Av. Aquidabã com a Av. Prestes Maia que leva à importantes rodovias que passam por Campinas.

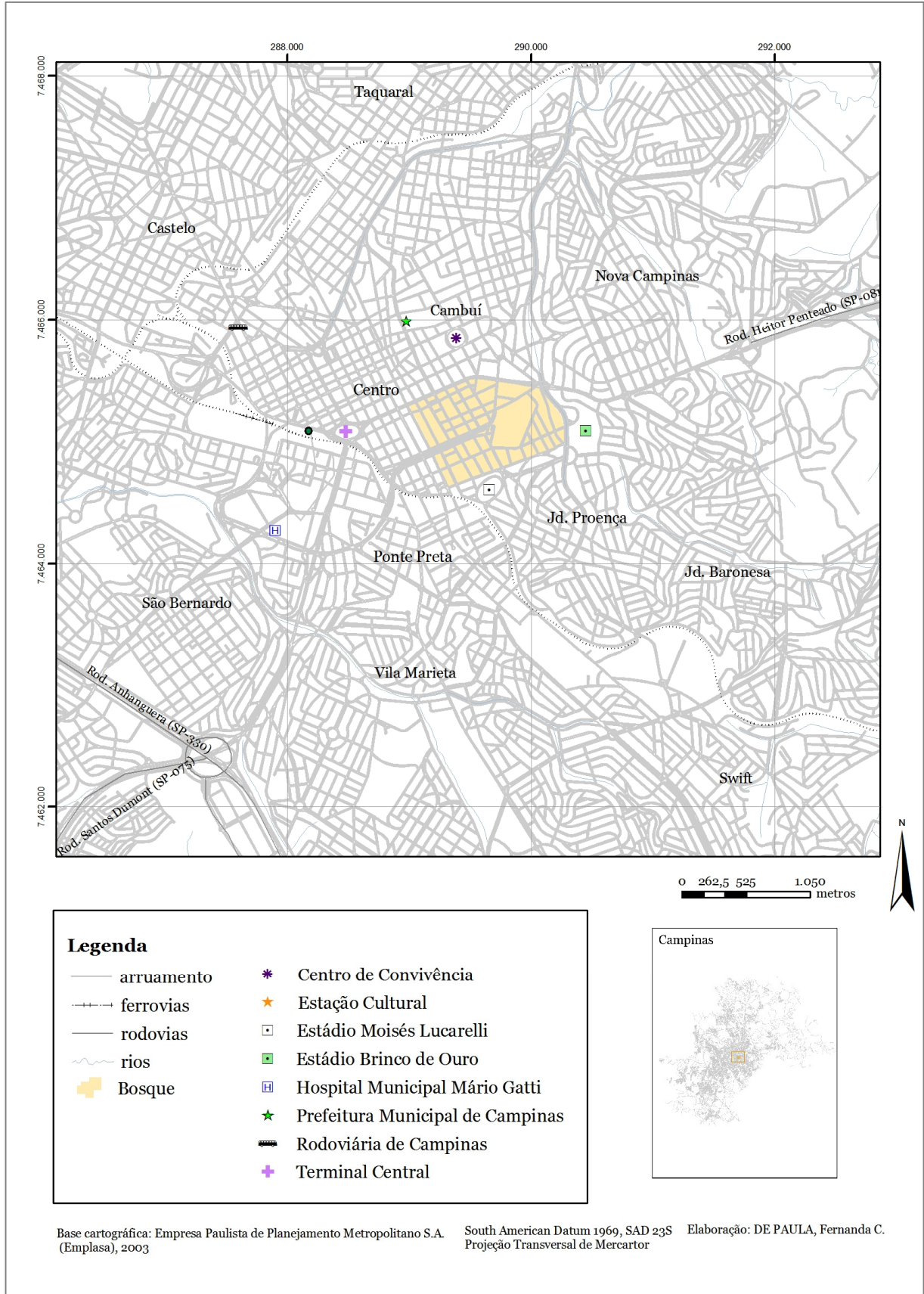
As conseqüências destas vias de passagem, da localização junto ao Centro da cidade e da ligação com importantes corredores viários norteiam a vivência do Bosque. Os moradores apontam que a partir dali é possível seguir para qualquer lugar da cidade. A fala de uma moradora é reveladora: morar no Bosque é como estar na metade do caminho para ir a qualquer lugar de Campinas, tudo lhe parece muito perto.

Um dos significados mais prementes de se morar no Bosque (ou, a vivência da cidade de Campinas tendo como território vivido o Bosque) é, assim, a proximidade com o Centro e a possibilidade de se deslocar facilmente pelo restante da cidade a partir do próprio Bosque. A expressão do Bosque como base de ações urbanas com vantagens estratégicas apontam para a situação geográfica do bairro; ou seja, o valor relativo do Bosque em função destes fatores circunstanciais (GEORGE, 1983).

Além de sítio e situação terem influência na experiência de viver a cidade tendo como base urbana Bosque, também norteiam como este figura para o restante da cidade. Por estar inserido dentro da urbe, a configuração do sítio e aspectos relacionados a sua situação influenciam como o bairro pode ser usado pelo restante da cidade e, mesmo, identificado dentro do conjunto da urbe. Retomamos, deste modo, a segunda problemática: como o Bosque aparece no contexto da cidade, qual sua relação com esta (qual seu papel, como é apreendido pelos demais moradores de Campinas).

Uma característica que contribui para maior visibilidade do Bosque é este ser bairro de passagem. No entanto, é uma visibilidade fugidia (sobretudo em relação aos veículos), em movimento. Pouco há de envolvimento com o espaço pelos indivíduos que ali passam. Talvez, deste ponto, origine a predominância de que determinadas áreas do bairro (notadamente o Entorno do Largo Beneditino, com seu balé-do-lugar sobreposto ao balé-do-lugar do centro da cidade) sejam identificadas, por muitos campineiros, como Centro – como foi observado em conversas com outros moradores da cidade.

Figura 2: Localização do bairro Bosque



O bairro residencial recebe, mormente, seus moradores; outros elementos do sítio podem promover a visitabilidade e contribuir para a apreensão da individualidade e identificação do bairro dentro do conjunto da cidade. Desta forma, atentamos, primeiro às escolas presentes no Bosque; os tradicionais colégios católicos particulares Ave Maria e o Pio XII. Embora crianças e adolescentes do bairro freqüentem estes colégios, eles também possuem alunos de outras partes de Campinas. Estes colégios são referências que muitas vezes transcendem o próprio bairro, sendo fatores de visitabilidade e, conseqüentemente, de visibilidade do espaço do bairro. Enquanto colégios tradicionais de Campinas, a presença destes no sítio do Bosque marca a inserção do bairro espaço no conjunto da cidade. Outro elemento do sítio também importante, neste sentido, é a Casa de Saúde. Hospital tradicional, desde 1942, é notadamente conhecido pelo campineiros. No entanto, próximo à Moraes Salles e estando imerso no balé-do-lugar do Centro, como já discutimos, poucos são os que identificam o espaço onde está o hospital como bairro Bosque.

Na medida em que possa promover a visitabilidade, espaço público é outro elemento do sítio que pode dar visibilidade ao bairro e caracterizar a situação deste dentro da cidade (seu valor em relação a outros sítios e conseqüente integração à cidade). No caso do Bosque, há apenas dois espaços públicos de magnitude (além das ruas): o Largo Beneditino e o BJ. O Largo Beneditino também é identificado como Centro pela maioria dos campineiros. Sua visitabilidade é, em grande parte, oriunda dos indivíduos que moram nas proximidades e por pessoas que esperam horário de visitas da Casa de Saúde ou o horário das consultas. É também espaço de pausa para pessoas que estão apenas passando pela área.

Em contraponto, o BJ atrai moradores de toda Campinas. É um, remanescente de mata nativa, possui museu de história natural, um zoológico, caminhos por entre a mata e tem entrada franca; é altamente frequentado por moradores de toda cidade, principalmente aos finais de semana. É tão expressivo enquanto espaço público de referência para os campineiros que, como já dito, serve de fator de alteridade do bairro, ao ser expresso na toponímia deste.

Existem muitos bairros que não são conhecidos pelos moradores de Campinas (são, principalmente, bairros com pouca visibilidade para o restante da cidade). Em contraponto, como já colocado, é comum os campineiros terem consciência de que existe um bairro Bosque e, ainda, intuem que este compreende a área próxima ao BJ. E, no entanto, outras áreas que constituem este bairro não são, geralmente, reconhecidas como tal pelos de fora. A paisagem é fundamental para pensar esta certa “invisibilidade” do Bosque. A paisagem é o foco da visibilidade, é a concretude dos diferentes territórios vividos, provê a própria imagem (do balé-do-lugar) de integração entre as áreas e, conseqüentemente, a idéia de unicidade que se desprende do termo bairro. Os territórios vividos cujo balé-do-lugar se confundem com o Centro, dificilmente são identificados como Bosque. Em contraponto, as áreas ao redor do BJ, a receberem uma visitabilidade significativa, são facilmente identificadas como Bosque. A cisão entre territórios é, de certa forma, visível pela paisagem.

E sendo o BJ um importante fator de visibilidade e, principalmente, de visitabilidade do bairro, entre seu uso pelo restante da cidade e seu uso pelos moradores do bairro há questões de territorialidade que, de certa forma, indicam o sentido do bairro na cidade.

2.1 Identidade Territorial: Casos de Territorialidade do Bosque dos Jequitibás

Espaços públicos no interior dos bairros (praças, praças de esportes, centros comunitários, bosques) têm sua lógica (organização e disposição dos elementos físicos, horários de funcionamento, regras, permissões, proibições, manutenção) voltada para os moradores do entorno (os de dentro), que são os que (teoricamente) usufruem diariamente deles. Do contrário, há a possibilidade de que seja estabelecida uma relação pouco efetiva com o espaço (*placelessness*)⁴, pois, a lógica do espaço é dissonante da lógica para aqueles que podem usá-lo.

Assim, é espaço de todos (público), mas (na prática, através do uso) espaço conformado para todos que moram por perto. É, basicamente esta idéia que mobiliza (que está implícita) as considerações de Cláudia, presidente da SABB. E o caso de identidade territorial se dá, justamente, pela justaposição do uso do BJ pelos moradores do bairro em contraponto ao uso pelo restante da cidade.

Cláudia apontou que o sonho da SABB é adotar o BJ: “tá meio abandonadinho”, diz a guisa de uma primeira explicação. Adotar assim como empresas adotam praças e lembra que precisa fazer contato com empresas para encaminhar esta idéia de adoção.

Ela é clara ao enfatizar: eles não moram nas redondezas, usam o BJ e não estão preocupados em conservá-lo (o banheiro fica intransitável, “não que os funcionários do BJ não limpem”, ela acrescenta) e a presidente enfatiza “nós, que moramos aqui, temos de conviver com isso”. Eles não são daqui, por isso não cuidam. Cláudia comenta que é a favor de se cobrar “nem que seja R\$ 1,00”, para que as pessoas de fora dêem mais valor; no entanto, outras pessoas dizem a ela que isso não é certo, que o BJ é um espaço público, que os outros têm direito de usá-lo sem pagar; ela ainda defende o pagamento de entrada para resolver o problema do comprometimento dos de fora com o BJ.

A territorialidade se superpõe: há um *timed-space*, ou seja, a dinâmica deste lugar muda em função do tempo (PARKES e THRIFT, 1978). Diferente de, em função do tempo, os moradores não poderem usufruir seu espaço por causa da presença dos travestis (no caso denominado como territorialidade noturna), a questão é que, mesmo que possam participar desta outra dinâmica que se realiza no BJ (aos finais de semana e feriados), o discurso de Cláudia expressa que o uso que se dá nestes dias não está em conformidade com o que os moradores do bairro entendem. Cláudia legitima seu discurso mediante o fato de que são os moradores que convivem com este espaço diariamente – isto remete, então, à espaço apropriado, vontade de exercer o poder sobre ele, ou seja, territorialização.

Como a SAAB poderia adotá-lo? O que adviria desta adoção? Quem deve decidir sobre a lógica ou formas de acessibilidade e regras de uso do BJ? Decidir em favor de quem? O BJ é do bairro ou da cidade? Em oposição, espaços públicos no interior de outros bairros de Campinas não apresentam esta justaposição de usos e conseqüente conflito de interesses na organização do espaço público. São espaços, no geral, com pouca visibilidade e visitabilidade para cidadãos que não moram em seu entorno e as formas de uso, acesso, atividades, regras estão voltadas para os moradores do bairro.

⁴ Na obra *Place and placelessness*, uma das discussões de Edward Relph está voltada para graus de intensidade da experiência do espaço pelos indivíduos; a experiência superficial ou o pouco envolvimento com o espaço leva ao oposto do lugar (*placelessness*), que é condicionado por uma relação inautêntica (ou como colocamos, dissonante) entre o indivíduo e o espaço. (RELPH, 1980)

O fenômeno Bosque é nortado pela alta visibilidade e visitabilidade de um de seus espaços. Subjacente às questões sobre o uso do BJ pelos moradores em contraponto ao restante dos cidadãos, o sentido do bairro na cidade é revelado. O BJ está no sítio do bairro, o uso diário dele é, sobretudo pelos de dentro e, assim, a idéia de adotá-lo, por exemplo, é justamente o desejo de institucionalizar o poder sobre o território.

Considerações finais

Intentar compreender o Bosque como fenômeno corresponde à busca de apreender os movimentos que se realizam cotidianamente nele, conformando-o como um bairro. E, neste estudo empírico, observamos que a compreensão da dinâmica interna de um bairro passa, sobretudo, pela compreensão de seus territórios vividos; assim como, se é reportado ao bairro o estatuto de área singular dentro da cidade é através da consideração do seu sítio e situação que é possível apreender tanto os modos singulares dos indivíduos se territorializarem na urbe, quanto o modo do bairro se integrar ao contexto da cidade.

Esta abordagem humanista do bairro, focada na experiência urbana, abre caminho à geografia que se realiza diariamente, na interação inalienável entre indivíduo e o espaço. A partir deste quadro é que foi possível a apreensão de questões referentes ao Bosque (o caso das tensões da territorialidade noturna e uso do BJ) traçando o paralelo entre estas e o sentido do bairro (qual seja, territorialidade) que atravessa estas questões. É neste sentido que a proposta de abordagem do bairro enquanto fenômeno vivido se apresenta como um modo de apreender o devir de questões urbanas (fundadas no bairro) de um modo mais conjuntivo, a partir daqueles que as experienciam.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. (trad. Carlos A. Medeiros) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 110p.
- COSTA, Antonio Firmino da. **Sociedade de bairro**: dinâmicas sociais da identidade cultural. Oeiras: Celta, 1999. 539p.
- DE PAULA, Fernanda C. **Geografia de bairro**: experiência urbana e territórios vividos no bairro Bosque, Campinas (SP). (Monografia) Campinas: Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas, 2007. 87p.
- _____. Bairro enquanto fenômeno vivido. In: XV NACIONAL DE GEÓGRAFOS – ENG, 15, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ENG, 2008. 20p. [CD-ROM]
- DE PAULA, Fernanda C.; MARANDOLA JR., Eduardo. e HOGAN, Daniel. J. O bairro, lugar na metrópole: riscos e vulnerabilidades no São Bernardo, Campinas. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 31-58, 1º sem. 2007.
- DE PAULA, Fernanda e MARANDOLA JR., Eduardo. Entre o bairro e o lugar: experiência urbana nos DICs, Campinas. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 2, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: NEER, 2007. 18p. [CD-ROM]
- GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. (trad.GEFIT) São Paulo: DIFEL, 1983. 236p.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p.157-179.

LEDROUT, Raymond. **Sociologia urbana**. (trad.Maria H. S. Reis) Rio de Janeiro: Forense, 1971. 209p.

MARANDOLA JR. Eduardo; DE PAULA, Fernanda C. e FERNANDEZ, Pablo S. M. A experiência do caminhar e do olhar: três percursos na Ponte Preta. **Rua**, Campinas, n. 13, p. 61-78, março 2007.

PARKES, Don e THRIFT, Nigel. Putting time in its place. In: CARLSTEIN, Tommy; PARKES, Don e THRIFT, Nigel (orgs.) **Making sense of time**. Londres: Edward Arnold, 1978. pp. 119-129.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. Londres: Pion Ltd., 1980. 150p.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne e SEAMON, David (orgs.). **The Human Experience of Space and Place**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1980. 148-165

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.) **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.